https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2025.v10.n25.e1239

AS TRANSFORMAÇÕES DO MEIO RURAL E AS MEMÓRIAS DOS IDOSOS: UMA ANÁLISE AUTOBIOGRÁFICA

LÍDIA DE JESUS SOUZA
https://orcid.org/0000-0002-7853-9845
Universidade Federal de Viçosa

RITA DE CÁSSIA PEREIRA FARIAS
https://orcid.org/0000-0002-8108-5370
Universidade Federal de Viçosa

EDNA LOPES MIRANDA
https://orcid.org/0000-0001-9514-1831
Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo analisar a memória afetiva de idosos/as em relação ao meio rural. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa exploratória-descritiva, que utilizou como instrumento de coleta de dados entrevista semiestruturada. A análise dos dados foi realizada pelo método de análise de conteúdo temático (Bardin, 2011). As reconstruções das histórias de vida dos idosos através da rememoração revelaram suas percepções a respeito da infância do rural da velhice, suas impressões, adaptações e significações em relação ao campo e a cidade. Conclui-se que a memória associada a aspectos sociais e culturais gera vínculos afetivos e simbólicos com o rural ressignificando-o no contexto de interação campo-cidade. O estudo tem relevância social e científica, pois chama a atenção do Estado para a elaboração de políticas públicas voltadas para o rural, por um lado, em decorrência do baixo investimento no campo, quanto ao oferecimento de serviços públicos como educação, saúde, entre outros, para viabilizar a manutenção dos indivíduos, inclusive dos idosos, em boas condições de vida no rural.

Palavras-chave: Memória. Rural. Velhice.

ABSTRACT

THE TRANSFORMATIONS OF THE RURAL ENVIRONMENT AND THE MEMORIES OF THE ELDERLY: AN AUTOBIOGRAPHICAL ANALYSIS

The present study aimed to analyze the affective memory of elderly people in relation to the rural environment. This was a qualitative exploratory-descriptive study, which used semi-structured interviews as a data collection instrument. Data analysis was performed using the thematic content analysis method (Bardin, 2011). The reconstructions of the life stories of the elderly through remembrance revealed their perceptions about the childhood of the rural environment and their old age, their impressions, adaptations and meanings in relation to the countryside and the city. It is concluded that the memory associated with social and cultural aspects generates affective and symbolic bonds with the rural environment, redefining it in the context of countryside-city interaction. The study has social and scientific relevance, as it draws the attention of the State to the development of public policies aimed at the rural environment, on the one hand, due to the low investment in the countryside, regarding the provision of public services such as education, health, among others, to enable the maintenance of individuals, including the elderly, in good living conditions in the rural environment.

Keywords: Memor. Rural. Old Age.

RESUMEN

TRANSFORMACIONES EN EL MEDIO RURAL Y MEMORIAS DE LOS ANCIANOS: UN ANÁLISIS AUTOBIOGRÁFICO

El presente estudio tuvo como objetivo analizar la memoria afectiva de las personas mayores en relación con el entorno rural. Se trató de un estudio cualitativo, exploratorio-descriptivo, que utilizó entrevistas semiestructuradas como instrumento de recolección de datos. El análisis de datos se realizó mediante el método de análisis de contenido temático (Bardin, 2011). Las reconstrucciones de las historias de vida de las personas mayores a través del recuerdo revelaron sus percepciones sobre la infancia en el entorno rural y su vejez, sus impresiones, adaptaciones y significados en relación con el campo y la ciudad. Se concluye que la memoria asociada a aspectos sociales y culturales genera vínculos afectivos y simbólicos con el entorno rural, redefiniéndolo en el contexto de la interacción campo-ciudad. El estudio tiene relevancia social y científica, ya que llama la atención del Estado sobre el desarrollo de políticas públicas dirigidas al entorno rural, por un lado, debido a la baja inversión en el campo,

en cuanto a la prestación de servicios públicos como educación y salud, entre otros, para permitir el mantenimiento de las personas, incluidas las personas mayores, en buenas condiciones de vida en el entorno rural.

Palabras clave: Memoria. Rural. Vejez.

Introdução

Nos últimos anos, vários estudos como os de Argimon et al (2011), Silva (2010) e Mesquita (2017) têm apontado que a velhice ganhou visibilidade e interesse em diversas áreas. Isto pode ser verificado pelo aumento da população idosa consequência de dois fatores ligados à queda da fecundidade e da taxa de mortalidade, bem como ao aumento da expectativa média de vida das pessoas.

Alguns fatores levaram a redução da taxa de fecundidade, tais como: a expansão da urbanização e industrialização, a ampliação dos métodos contraceptivos, o planejamento familiar, o aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho e a melhoria do nível educacional. Estão relacionados a diminuição na taxa de mortalidade sobretudo, o investimento público na saúde e os avanços da medicina (Souza, 2016).

Essas inovações impactou as condições de vida e de saúde da população como um todo, expressando o número de anos de vida que se espera de um indivíduo recém-nascido.

Nesse sentido, é fundamental entender que a sociedade brasileira passa por grandes transformações devido ao processo de envelhecimento que está se dando de forma veloz fazendo com que a velhice se torne um componente expressivo na sociedade.

E, nessa transição demográfica e etária a velhice ganhou visibilidade compreendida em sua totalidade e em caráter multidimensional, não somente como um fenômeno biológico, mas também em seus aspectos psicológicos, sociais e culturais. Desta forma, a compreensão da memória, na dimensão afetiva, tornou-se produtora intrínseca da identidade social do idoso.

Embora as temáticas relacionadas ao uso da memória se desenvolvem relativamente em investigações no âmbito da Antropologia, ainda são escassos os estudos que consideram a dimensão afetiva do idoso com o meio rural. Acrescenta-se ainda que, no Brasil, pesquisas e textos acadêmicos revelam-se pouco preocupados com certos segmentos do mundo rural, entre os quais se destacam o idoso e sua velhice. Neste contexto, a invisibilidade desse segmento desafia o pensar sobre os idosos nos processos de vivências no meio rural. Em questão, as transformações produtivas, não apenas do mundo do trabalho, da sua relação com a terra, mas também do mundo da vida, das relações de sociabilidade, da família e das tradições de uma realidade em constante mudança.

A opção por trabalhar com as memórias dos idosos vai ao encontro de algumas constatações fundamentais. Dentre elas, destaca-se que, o idoso é um narrador por excelência, que tem grande experiências de vida, viveu muito e, por isso, tem várias histórias para compartilhar (Benjamin, 1993). Ademais, a memória dos idosos, ainda que individual, é também “coletiva na medida em que traduz experiências e representações produzidas a partir de seu contato com diferentes grupos e instituições” (Horochovski, 2008, p.2). Conforme Halbwachs (2006), ao rememorar, o indivíduo não reconstrói fatos “tal como foram”, mas tem como referência o tempo presente.

Sobre a memória afetiva Britto (2017, p. 1) afirma que ela nos possibilita "revisitar o passado, com seus sabores, cheiros e personagens, permite-nos realizar uma viagem dentro de nós [...]" (Brito, 2017, p.1). Essas lembranças funcionam como um mecanismo que associam sensações passadas, ressuscitadas e vivenciadas no presente (Deleuze, 2010).

Tal proposta se justifica porque quando um senhor ou uma senhora se referem ao tempo em que viviam no meio rural, usando a frase " Essa é a minha história" no final de cada entrevista, isso significa que o passado faz parte de sua própria identidade. Ou seja, o passado foi vivido e experimentado, até constituir sua história de vida. Mais ainda, eles estão diferenciando o "tempo deles", do "nosso tempo", estão comparando o passado onde viveram as suas principais experiências de vida com o presente no qual os jovens e os adultos de hoje,estão construindo suas próprias histórias de vida. Comumente os idosos estão afastados do trabalho, alguns já perderam o cônjuge e podem se encontrar pouco com as pessoas de sua idade. Neste sentido, passam a viver uma nova fase da vida e a exercer funções diferentes na família. E é nesse momento que os idosos podem exercer o importante papel de transmissor da história familiar e/ou sociocultural, para as novas gerações.

Para tanto, buscou-se entender quais os significados são construídos pelos idosos/as em torno do processo de envelhecer na cidade em um continuum rural e urbano com modos de vida que se misturam e adquirem novos significados a partir das memórias do meio rural? Tráz-se à baila a necessidade de ouvir e interpretar as narrativas dos idosos/as, com base em discussões teóricas sobre envelhecimento, gênero e memória. É com base nestes pressupostos que pretendeu-se enfatizar o papel do idoso na sociedade, sobretudo nas áreas rurais, através de uma abordagem na qual privilegiamos as experiências que guardadas na memória podem ganhar corpo e sentidos polissêmicos através da narrativa. Destaca-se, ainda, a importância também de compreender a forma como se relaciona com o território que o circunda, através da memória dos idosos. Dentro do vasto tema de estudo, optamos por utilizar a memória autobiográfica, por abarcar eventos do passado, em relação direta com o reconhecimento da identidade (Varela, 2011).

Para uma maior compreensão do envelhecimento e construção da problemática de pesquisa, escolheu-se desviar parcialmente das leituras sobre os aspectos biológicos do envelhecimento e explorar os conhecimentos da área de ciências humanas e sociais, enriquecendo as discussões sobre o envelhecimento humano. Desta maneira, este estudo buscou responder a seguinte pergunta: como a memória afetiva dos idosos/as com o rural, dialoga com o processo de transformação do campo?

Na busca de responder ao questionamento posto, o artigo teve como objetivo geral analisar a memória afetiva de idosos/as em relação ao meio rural.

Este estudo foi realizado em função da abordagem qualitativa, que tem como característica conhecer a realidade da vida dos indivíduos com o objetivo de aprofundar nos "diferentes significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto" (Alves; Silva, 1992, p. 61).

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizados os pressupostos teóricos e metodológicos da entrevista narrativa autobiográfica desenvolvida por Schütze (2010), como vetor de integração dos idosos com o meio rural, suas raízes e a preservação do patrimônio humano. A narrativa autobiográfica permite, resgatar a história afetiva vivida pelos idosos em relação ao rural. Assim, ao resgatar a história experimentada em seus contextos sociais, os idosos (as) se tornam memórias vivas de seu tempo.

Aspectos metodológicos

Para melhor organização dos resultados, a discussão sobre a memória afetiva dos/as idosos/as em relação ao rural, optou-se por seguir as etapas propostas por Bardin (2011) que consiste nas seguintes etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A etapa de pré-análise iniciou através das transcrições dos áudios gravados. Após a transcrição foi possível dar início a etapa seguinte, a de exploração do material. Nessa fase, iniciou-se a leitura das transcrições. Assim, foi possível realizar a codificação e categorização dos textos, que foi organizada em três partes: o processo de envelhecimento; a migração campo-cidade; e os valores sociais.

Com os dados codificados e organizados, foi iniciada a terceira e última etapa, a do tratamento dos resultados. Buscou-se a articulação entre o material empírico e o referencial teórico, possibilitando a ocorrência de outras contribuições teóricas sugeridas pela leitura do material empírico.

Este estudo foi desenvolvido no município de Viçosa, situado na região da Zona da Mata mineira. A pesquisa de campo foi desenvolvida no Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI). O programa foi instituído em 1997, sendo resultado de uma parceria entre o Núcleo de Saúde Pública (NUSP) do Departamento de Nutrição e Saúde (DNS) da Universidade Federal de Viçosa (UFV) com a Prefeitura Municipal de Viçosa (PMV), cujo objetivo principal é promover, por meio de um processo educativo -preventivo, a melhoria da qualidade de vida dos idosos (Viçosa, 2007).

Os dados foram obtidos na sede do PMTI, por meio de entrevistas com os idosos participantes do programa. Participaram desta pesquisa dezesseis idosos, sendo 13 (81,25%) do sexo feminino e 3 (18,75%) do sexo masculino. As idades compreendem entre 65 a 92 anos.

Quanto à origem, todos os entrevistados nasceram no rural, sendo que 13 (81,2%) deles migraram para a cidade durante as décadas de 1960 e 1970. Neste período, no Brasil intensificou-se o deslocamento de pessoas do campo em direção a cidade, o chamado êxodo rural (Martine; Camargo, 1984). Os fatores que impulsionaram a migração interna foram a industrialização urbana e a mecanização do campo que submeteu as famílias rurais a fome e miséria, levando-as em busca de condições melhores de vida no espaço citadino. No entanto, 3 (18,8%) dos entrevistados migraram para a cidade em um período mais recente.

Até a década de 1960 o Brasil apresentava uma população majoritariamente jovem, no entanto, devido à expansão econômica impulsionado pela industrialização, somado a uma considerável melhoria nos avanços tecnológicos na medicina e nas condições gerais de vida, iniciou-se o processo de envelhecimento contribuindo com o aumento da expectativa de vida dos brasileiros. O Brasil tem mais de 28 milhões de idosos, número que representa 13% da população do país. Segundo uma projeção feita pelo IBGE, a vida média dos brasileiros é de 76,3 anos (IBGE, 2019).

A memória afetiva dos/as idosos/as em relação ao rural

Este tópico discute a relação entre envelhecimento e memórias, bem como a relação entre memórias e migração campo-cidade a partir das memórias autobiográficas dos idosos participantes da pesquisa.

Envelhecimento e memórias

As memórias autobiográficas, segundo Brandão (2008), possuem uma complexidade de significações e podem ser compreendidas por meio das narrativas. Segundo o autor, “[...] as

memórias, especialmente as autobiográficas, podem ajudar-nos nesse trabalho de ler o "invisível" como instrumento fundamental na recomposição do imaginário [...]" (p.29). Pereira (2012) menciona que, através das narrativas autobiográficas, os indivíduos são capazes de trazer para o presente "os fatos que marcaram suas vidas no tempo da infância" (p. 5). A narrativa autobiográfica tem a função de trazer a luz à memória de infância dos idosos como meio de compreender a sua formação identitária em relação ao meio rural.

Considerando que todos os entrevistados, tem origem rural, 4 deles (25%) relataram que trabalhavam na infância, tanto nos trabalhos domésticos, quanto na atividade do campo. Alguns fragmentos das narrativas dos entrevistados que expressam uma infância negada:

> Me lembro que não tive tempo de brincar. Já nasci trabalhando, só tenho imagem de trabalho. Eu estava com 9 anos minha mãe já começou a me pôr no fogão, tinha 10 irmãos, tinha dia que meu pai me colocava com os trabalhadores na roça, e minha mãe era parteira e minha mãe saia e me deixava sozinha. Matava aqueles capadões [porcos] e colocava lá em cima da dispensa, as parteiras mandavam chamar minha mãe, ela partia e o serviço ficava para mim[...]. Tinha que trabalhar e cuidar dos irmãos muitas vezes meu pai me chamava antes de amanhecer para cortar cana para a gente fazer rapadura. (Maria Augusta)

> A infância nossa também foi de roça, foi tudo de trabalhar na roça, a gente trabalhava o dia inteiro chegava em casa tinha cana na engenhoca para fazer garapa para fazer o melado. Na minha infância eu ajudava a minha mãe a socar arroz e café. Dava umas 3 batidinhas e devolvia para ela. (Rita Lima).

Podemos inferir nas narrativas, através das memórias evocadas que, os membros da família desempenhavam tarefas desde a tenra idade, a fim de garantir a sua sobrevivência dada as condições socioeconômicas a que estavam submetidas. Por este motivo, as primeiras lembranças em relação à construção de suas identidades estão associadas ao trabalho como elemento da sua formação social.

As dificuldades de ordem econômicas a que estavam sujeitos obrigava as crianças a trabalharem desde cedo, tendo que realizar multitarefas para ajudar os pais nas atividades domésticas e do campo. Nota-se, porém, que, a infância no meio rural não era marcada apenas pelo trabalho, ao recordarem da infância, 14 (75%) dos entrevistados destacaram diversos momentos felizes. As brincadeiras proporcionadas pelos brinquedos confeccionados por eles mesmos, brincadeiras simples como andar a cavalo, nadar no rio, andar de perna de pau e brincadeira de roda. O campo de futebol também foi citado como um espaço de brincadeiras para os meninos, um tempo considerado por eles como" muito bom":

> [...] Fazia boneca de sabugo de milho, fazia boneca de pano, cortava direitinho com a tesoura, fazia as voltinhas tudo de uma pessoa e fazia roupa para ela, pois não tinha dinheiro para comprar. A gente inventava fogãozinho para cozinhar. (Lurdes)

> Nós brincávamos muito, nós fazíamos casinha de folha de bananeira, plantava rocinha, ih era muito bom. Nós brincávamos de roda, a gente brincava de pique, de esconde –esconde. (Dora)

> [...] Brincava na beirada do rio, na lagoa. Pescava de peneira, andava a cavalo, andava de perna de pau, subia no barranco de perna de pau (José)

> [...] lá tinha muitas brincadeiras, campo de futebol e tudo, a gente se divertia muito lá. (Egídio)

Ao serem questionados se as lembranças da infância são significativas para a sua vida, 14 (87,5%) dos entrevistados revelaram que as memórias da infância possuíam uma grande significância para as suas vidas, enquanto 2 idosos (12,5%) revelaram que as memórias do tempo de criança não tinham significância alguma. Dos 16 entrevistados, 14 (87,5%) afirma-

ram que sente como se estivessem revivendo o acontecimento original, no entanto, 2 deles (12,5%) afirmaram que não se sentia revivendo o acontecimento original.

Baseando se em Bergson, Bosi afirma que a lembrança é a conservação total do passado, o que só seria possível se o indivíduo pudesse manter intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância (Bosi, 1987).

De outro modo, Halbwachs (2006), aponta que as lembranças são reconstruídas no presente a partir das vivências do passado e está interligada ao contexto social (família, escola, religião, espaço social). Entende-se assim que a memória pessoal não está isolada e fechada, mas referenciada em pontos fora do sujeito, determinados pela sociedade.

Em relação à forma como a lembrança era manifesta, houve uma predominância de memórias recordadas como uma cena (11 participantes, ou seja 68,8 %), ao passo que 3 dos entrevistados (18,8%) disseram que as lembranças vêm como imagens, 1 (6,25%) entrevistado respondeu que as lembranças vêm como palavras, enquanto 1 (6,25%) não quis opinar alegando que "não gostaria nem de pensar". Sobre a maneira como as lembranças são evocadas, Elnick et al (1999) afirmam que cada indivíduo tem uma distinta capacidade de lembrar. Alguns conseguem memorar de forma mais vívida de certos eventos, enquanto outros tem mais dificuldade para conseguir relembrar dos fatos e acontecimentos vividos.

Esta questão é abordada por Gall e Uehara (2018) e também por Halbwachs (2006), que expõe sobre a capacidade das memórias na manutenção da identidade dos indivíduos, na evocação de vivências do passado transmitidas para o presente. Isto é, as informações são ressignificadas e traduzidas mediante a memória autobiográfica, em menor ou maior grau, dependendo da relação afetiva do indivíduo com o evento rememorado.

Além das dificuldades financeiras, os entrevistados destacaram outros problemas que tiveram que enfrentar durante a vida no rural como as "estradas péssimas" fazendo referência as estradas precárias pela falta de pavimentação e a "distância longa" que tinham que percorrer para chegar até a cidade mais próxima.

> [...] na rua tem mais facilidade para poder comprar, ir na missa, no médico. Na roça era longe, sabe. Tinha que vim de cavalo, outra hora vinha a pé, mas com dificuldades, né? (Maria do Carmo)

> As estradas são muito ruins. Muito difícil para sair de casa. (Maria do Carmo)

> [...] a gente andava a pé, distante de tudo. (Dora)

Sobre as transformações ocorridas no rural nos últimos anos, a percepção que os entrevistados têm em relação ao campo é de que muitas das dificuldades que existiam foram superadas, predominando expressões tais como: "hoje mudou muito" e "a tecnologia chegou no campo", como mostram as narrativas dos entrevistados que residem na cidade, mas mantêm um contato frequente com o meio rural:

> O que mudou lá, é que hoje tem iluminação para todo o lado, não tinha celular por lá nem nada, a televisão quase não pegava. Hoje mudou muito, muito! (Egídio)

> As mudanças é que, antigamente lá não tinha uma luz para acender, né? Não tinha estradas, eram trilhos, não passava carro. Mas hoje, graças a Deus, tem. Eles estão calçando as estradas lá. (Maria do Carmo)

> A indústria chegou no campo, e as pessoas não aram mais a terra, mudou muita gente, as leituras não eram como era mais, a gente não ligava para as aulas e hoje está mais moderno. (Alda)

> A tecnologia chegou na roça. Hoje, tem televisão, tem rádio, tem geladeira. (Dora)

A partir das narrativas, verifica-se que 10 dos entrevistados (62,5%) consideram que as transformações no meio rural são positivas. Dentre os aspectos mencionados estão a tecnologia, a industrialização, a mecanização do campo, as melhorias nas estradas, a iluminação, os serviços de saúde e a aquisição de eletrodomésticos. Contudo, as narrativas mostraram, que 6 dos entrevistados (37,5%) consideram as transformações do rural como negativas. Destacaram-se nas narrativas expressões como "a roça está muito triste", "acho que piorou" se remetendo ao exôdo rural que obrigou muitas famílias a se mudarem para a cidade pela falta de emprego no campo, consequência da substituição da mão de obra humana pelas máquinas, conforme os excertos:

> Piorou né? As usinas tudo acabou. Tinha os engenhos, fazia rapadura. Acabou tudo, foi tudo desativado. Internet também tem, né? (José)

> [...] acho que até piorou, porque no meu tempo a gente plantava arroz, plantava feijão, plantava tudo, hoje eles não plantam nada. (Rita Lima)

> Eu sinto que a roça hoje está muito triste, as pessoas foram embora, e tudo é feito com máquinas, muito triste. (Antônia)

Questionados se as dificuldades vivenciadas no período que residiam no meio rural lhes permitiram enfrentar a velhice de forma mais saudável ou com problemas de saúde, 12 dos entrevistados (68,75%) responderam que a vida no rural lhes permitia enfrentar a velhice com mais saúde, mesmo tendo passado por muitas privações e enfrentando o trabalho árduo quando eram mais jovens

As razões apresentadas pelos entrevistados remetem a uma justificativa da percepção de saudabilidade na vida no campo de acordo com as falas a seguir:

> Ah, de saúde, mais saudável. A gente não tinha médico, bebia chá. (Joana)

> A gente tem mais saúde, né? Na zona rural tem muita fruta, muita coisa sadia, né? Hoje não, você chupa uma laranja tem remédio [veneno] para crescer a fruta, né? (Efigênio)

> É mais saudável, você planta, não come nada com veneno, não é ruim não. (Iolanda)

> Saudável, sabe porquê? Por causa das verduras do mato, do leite de cabra que é tão forte que ajudou a ter esses ossinhos [fortes] que tenho hoje. (Rita)

Quatro entrevistados (31,25%) afirmaram que a vida no meio rural acarretou a eles problemas de saúde, devido ao esforço para "carregar lenha e saco de café nas costas", a falta de acesso aos serviços de saúde, e principalmente pela falta de "agasalho, sapato e roupas" para proteger do frio nos dias de inverno, como mostram os excertos:

> A vida no rural me deu problemas de saúde. Eu dei coisas aqui no osso de tanto carregar fecho de lenha, eu dei desvio na coluna de tanto carregar saco de café nas costas, e não tem cura. (Maria Augusta)

> Ah acarretou problemas de saúde, porque os recursos eram pouco, né? Só quando estava assim, muito ruim que ia para o hospital. (Antônia)

> Ah, acarretou problemas de saúde, a gente não tinha roupas de frio, no tempo de frio a gente saia de madrugada descalço, não tinha agasalho direito. (José)

É preciso considerar que a falta de recursos econômicos e a situação de pobreza era uma realidade na vida dos depoentes. Tinham que trabalhar duro em serviços de baixa ou nenhuma remuneração, que limitava o acesso aos bens de consumo relacionado à insuficiência financeira para manter as despesas com roupas, alimentos, calçados, e etc. Essa situação era agravada pelo fato de que, naquele tempo, poucos desfrutavam de qualquer tipo de proteção social do Estado (Batista, 1999), que lhes garantissem uma vida com dignidade.

Durante a entrevista, questionamos os idosos se eles achavam que a velhice do passa-

do era semelhante ou diferente da atual. Para 13 dos entrevistados (81,2%), a velhice atual é melhor pois, a do passado "durava pouco" e atualmente "vivem mais", com diversão, elemento que não fazia parte da realidade da velhice do passado, haja vista o contexto social, cultural e costumes rígidos vigente naquele tempo. Além disso, as famílias tinham muitos filhos e a responsabilidade pela criação e pela educação tomavam todo o tempo das mulheres, em contrapartida os homens eram os responsáveis pelo sustento da casa, trabalhavam o dia todo fora de casa. Nesse sentido, Maria Augusta considera que "a diferença é que hoje tem mais divertimento". Ângela pensa que a velhice de antigamente durava pouco porque "tinha pouco recurso". Lurdes destacou que "Antes os mais velhos faziam tricô, faziam crochê, hoje não fazem mais". Enquanto Antônia tem a opinião de que "A velhice de agora é muito mais tranquila. Antigamente nem salário a gente tinha para manter né? A minha mãe teve muitos filhos e não tinha tempo para nada, ela plantava roça, milho, feijão, era só muito trabalho"

O processo de envelhecimento da população devido a melhoria nos avanços tecnológicos e na medicina impactaram nas condições gerais de vida da população, influenciando na qualidade de vida dos brasileiros aumentando a expectativa de vida média da população (Kalache, 1987).

Nessa direção, percebe-se nas falas dos entrevistados, um olhar diferente sobre o envelhecimento, atrelados aos cuidados com a saúde em busca de qualidade de vida. Fator de destaque é a conquista da aposentadoria como direito, efetivada em 05 de outubro de 1988, constitucionalmente, o benefício no valor de um salário mínimo, é garantido aos trabalhadores do sexo masculino aos 65 anos, e 60 anos aos do sexo feminino. Conforme relata Zanelli e Silva (1996), a aposentadoria se constitui para os idosos como um prêmio de recompensa, uma oportunidade para aproveitarem a vida, devido a segurança que a mesma oferece, contrapondo aos tempos de privações experimentado no meio rural.

Os entrevistados citaram as atividades físicas oferecidas pelo Núcleo de Convivência, a realização de caminhadas e a prática de atividades de lazer fundamentais para uma velhice saudável. Na visão de Alda, "Antes, era cortar lenha, não tem nem comparação, tem os encontros da 3° idade e pode participar de várias coisas, o cuidado com a saúde, a leitura, o estudo". Antônia diz que "Hoje tem aqui o PMTI, e aqui tem muita coisa para fazer". Iolanda destaque que "Hoje tem muitas atividades para os velhos, principalmente na cidade. Eu vejo muitos fazerem caminhadas, outros fazem exercício, né!? Antigamente não, não tinha nada disso". Lurdes, por sua vez, diz que "hoje tem muitas coisas para fazerem, eles vivem saindo para se divertir, está tudo mudado. E a velhice atual é isso né!? Os idosos buscam uma qualidade de vida e querem viver mais e mais".

A literatura aponta que a vida em comunidade são fatores importantes para a saúde física e mental no processo de envelhecimento. As relações sociais têm favorecido os idosos, a resgatarem aspectos fundamentais em suas vidas que, ao longo dos anos, foram dificultados por uma série de fatores como o compromisso com a criação dos filhos, longa jornada de trabalho, entre outros.

De acordo com Gato et al (2018) o contato do idoso com a rede social, os relacionamentos íntimos e pessoais diminuem a solidão, o estresse e evitam a depressão, o que reforça a importância do uso do tempo do idoso na participação em atividades físicas, de lazer e comunitárias.

Segundo Silva (2017), ao envelhecer os indivíduos buscam uma melhor qualidade de

vida, para viver bem e melhor. Entretanto, 03 entrevistados (18,8%) consideram que a diferença entre a velhice do passado e a atual está no fato de que no passado "as pessoas viviam mais", e "com muito mais saúde" se referindo a alimentação mais saudável no campo, e a questão da violência que tem ceifado muitas vidas, inclusive os mais jovens que não chegam a envelhecer. Joana considera que "No passado a gente vivia mais, hoje não está vivendo quase nada". Para Ana Maria, "a diferença é as pessoas vivia muito mais, com muito mais saúde". Já Maria de Paula considera que "antes as pessoas envelheciam mais e viviam até mais tarde, no meio de jovem está tudo morrendo cedo".

Embora os idosos tenham a percepção de que as pessoas viviam mais, o IBGE mostra que a expectativa de vida tem aumentado.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) apontam que a população com idade igual ou superior a 60 anos tem aumentado consideravelmente.

Trata-se de pensar o mundo moderno como um contexto em que o avanço da modernização alterou a realidade do envelhecer, agora, prolongado em termos da expectativa de vida de diferentes sujeitos sociais, direcionando uma nova ordenação do envelhecimento, que passa a demandar uma série de exigências econômicas, sociais e políticas.

Neste âmbito, o envelhecimento nas sociedades contemporâneas é assumido como questão pública que exige a tomada de posição por parte do Estado, de organizações privadas como ONGs e outras, com a finalidade de implementar ações consoantes ao problema social que tais fatos representam.

A transição demográfica reflete na vida em sociedade, com o desenvolvimento de doenças e agravos crónicos comprometendo à saúde dos indivíduos. Tais situações impõe desafios em todas as esferas da sociedade, principalmente, no que se refere às políticas socioassistenciais, demandando dessa forma, medidas urgentes, de modo a atender as particularidades desse público (Oliveira et al, 2018, p. 12).

A Constituição Federal foi um marco na formulação de políticas de direitos para essa categoria, considerando que antes da Carta Magma as políticas sociais tinham um caráter assistencialista e caritativa (Couto; Yazabek; Raichelis, 2010).

O Art. 203 da Constituição Federal – discorre sobre os objetivos da Assistência Social, são eles: Proteção à Família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice. E a redação do artigo 230 diz que "A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida" (BRASIL, 1988).

As narrativas apontam distinções entre o envelhecimento do passado e do presente, notadamente em função de novos hábitos, costumes e concepções que foram incorporados na sociedade. Isso mostra que a cultura e a sociedade são dinâmicas e estão em constante mudança: novos elementos surgem e outros caem em desuso.

De acordo com Lima, Silva e Galhardoni (2008), o envelhecimento ainda é associado a uma fase de doença e dependência, sobretudo nos países ocidentais, porém, esta fase envolve aspectos que não podem ser generalizados, considerando que existem fatores que podem contribuir para um envelhecimento saudável como por exemplo "a prática de hábitos saudáveis, engajamento com a vida e manutenção de altos níveis de habilidades funcionais e cognitivas" (p.797). Alguns idosos percebem a velhice como a uma fase de diversão e realizações, em que sente vontade de viver bem, mas sem esquecer suas origens, sua identidade e suas memórias (Silva, 2008).

Memórias e migração campo-cidade

Na década de 1940, o processo de industrialização, urbanização e consequente mecanização do campo submeteu muitas famílias rurais a péssimas condições de vida inviabilizando a sua permanência no campo, provocando o processo compulsório de migração campo-cidade (Gusmão; Alcântara, 2008, p. 174). Esse processo se intensificou a partir dos anos 1960, o que "fez com que hoje o Brasil seja uma sociedade predominantemente urbana que experimenta nessas áreas um intenso processo de envelhecimento populacional" (Veras et al, 1987, p.225).

Nas falas dos/as idosos/as participantes desta pesquisa foi enfatizado que as condições de vida no meio rural eram difíceis, e tiveram que migrar para a cidade para "arranjar emprego". Mencionaram que o terreno onde moravam era de "fazendeiros", "o salário era muito ruim" e o dinheiro que recebiam "mal dava para sobreviver". Por esta razão, muitos optaram em deixar o meio rural, como mostra os relatos:

> Ah eu tinha muita vontade de vir para cidade que na roça a gente sofria bastante, capinando, lavando roupa para o fazendeiro [...]. Aí meu pai veio para cá trabalhar. (Ângela)

> É porque na zona rural eu estava passando muito aperto com quatro crianças, engravidei da caçula lá, aí eu trabalhava demais na roça, e o dinheiro mal dava para sobreviver. A vida estava muito difícil, então resolvi vir para a cidade. (Rita Lima)

> É por causa do emprego né? Na roça estava difícil emprego, então eu vim para a cidade (José)

> A gente morava em terreno de fazendeiro, né? Mais, por causa do salário que era muito ruim a gente ganhava quase nada, a gente veio para a cidade para arranjar emprego. (Efigênio)

Além da saúde e educação, outro motivo que levou os participantes da pesquisa a migrarem para a cidade foi o trabalho, corroborando os estudos de Oliveira e Jannuzzi (2005) e Dendena (2018). As respostas sobre os principais elementos estimuladores para êxodo rural evidenciam a ausência de investimento público em trabalho, saúde e educação no campo.

Questionados se recomendariam quem vive no meio rural se mudarem para a cidade, 13 (81,2%) dos entrevistados disseram que recomendam a mudança.

A argumentação a favor da mudança se fundamentou nos aspectos ligados a facilidade de trabalho, melhores condições de salário e de serviços de infraestrutura como iluminação e estradas pavimentadas existentes na cidade. Conforme pontua Bonomo (2010), a positivação da cidade em detrimento ao campo está ligada as péssimas condições de vida na zona rural, discussão que deve ser problematizada, por um lado, em decorrência tanto da falta de investimento no campo, quanto da ausência de serviços públicos como educação, saúde, entre outros para manutenção dos indivíduos em boas condições de vida no rural.

Diante de suas trajetórias de vida, elas afirmaram que a cidade oferece melhores condições de vida, se comparado ao tempo que viveu no rural em referência aos serviços de infraestrutura, do acesso a equipamentos públicos, uma vez que se reconheceu e efetivou alguns dos direitos dos idosos, particularmente na questão da aposentadoria e em investimentos em espaços de socialização e convivência, que apresentaram uma melhora significativa na vida dos idosos.

Mas, se por um lado, têm-se os aspectos positivos do viver na cidade, por outro, encontramos também a valorização do meio rural, como, por exemplo, com a ênfase na questão ambiental, no conceito de desenvolvimento sustentável, o contato com a natureza e a qualidade e oferta de alimentos saudavéis.

Apesar das falas dos entrevistados darem destaque a positivação do espaço urbano, as

memórias afetivas do meio rural são positivas também em um continnum rural e urbano com modos de vida que se misturam ao presente e adquirem novos significados.

Conclusões

O presente estudo procurou analisar a memória afetiva dos idosos/as em relação ao meio rural, em um enfoque plural da velhice, considerando a importância das memórias na construção das identidades, por meio da rememoração de suas histórias de vida.

Em relação às memórias e o processo de envelhecimento, os dados mostraram que a construção da memória envolve experiências vividas ao longo do tempo, que são manifestas na socialização e na identidade coletiva do indivíduo, já que a construção da identidade ocorre através das interações sociais com as pessoas e com o mundo. Através das narrativas, os idosos rememoraram experiências que estavam guardadas na memória acerca da infância na roça, a migração, o trabalho, o envelhecimento, os valores, as relações familiares e as transformações ocorridas no meio rural. Todas as lembranças dos idosos se associam a eventos sociais, que mostram que nossa memória é coletiva, embora haja aspectos individuais. Dessa forma, pode-se estabelecer relações entre memórias e envelhecimento, que entrecruzam recordações tanto do passado distante e mais próximo, articuladas às vivências do presente.

Na busca por melhor qualidade de vida, observou-se uma tendência entre os idosos no cuidar da saúde. Assim, eles praticam exercícios físicos, atividades de lazer e participam de grupos de convivência, dando ênfase aos aspectos positivos da velhice, em contraposição a ideia sobre a velhice marcada por estereótipos a respeito do velho fraco e doente. Para os participantes da pesquisa, a imagem da velhice envolve uma fase de diversão e realizações, em que o idoso sente vontade de viver, e viver bem.

As recordações a respeito das mudanças que ocorreram no contexto rural remetem a importância da memória para a transmissão de valores de uma geração para a outra, considerando as recordações dos mais velhos um fator essencial para manter a cultura e as tradições do passado vivas. Essa perspectiva torna-se um desafio, pois a responsabilidade de educar os filhos hoje não é exclusividade da família, mas é repassada a terceiros, saindo do ambiente intrafamiliar para o extrafamiliar.

Em suma, verificou-se neste estudo que os idosos, por meio da rememoração de suas histórias de vida, mostraram que os processos que envolvem as memórias estão imbricados na construção da identidade do indivíduo.

Os participantes evidenciaram então que as lembranças são mecanismos de acesso às memórias afetivas que eles têm com o rural, haja vista que, na maioria das respostas os idosos informaram que o tempo de residência no campo tinham o papel de lembrá-los de fatos, momentos, histórias e experiências. Além disso, fizeram referência a elementos de valorização daquele espaço ressaltando o sentido de pertencimento com o rural dando novos significados ao lugar de origem em um continuum rural e urbano.

O estudo tem relevância social e científica, pois chama a atenção do Estado para a elaboração de políticas públicas voltadas para o rural, por um lado, em decorrência do baixo investimento no campo, quanto ao oferecimento de serviços públicos como educação, saúde, entre outros, para viabilizar a manutenção dos indivíduos, inclusive dos idosos em boas condições de vida no rural pautados nos Direitos Humanos.

Referências

ALVES, Z. M. M. B; SILVA, M. H. G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia,** Ribeirão Preto, n. 2, p. 61 69, July, 1992. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X1992000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10/04/2020.

ARGIMON, I. I. L; ECKER, D.D.I; LINDERN, D; TORRES, S. Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 79-99, set. 2011. Disponível em:http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9128/2/velhice_e_identidade_significados_de_mulheres_idosas.pdf. Acesso em: 08/07/2020.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 3. ed. Lisboa. Edições 70, 2011.

BATISTA, A. Reforma do Estado: Uma Prática Histórica de Controle Social.1999. **Revista Serviço Social & Sociedade**, 61, 63-90. (Ano XXI). São Paulo (SP): Cortez.

BRASIL. **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In*: **Magia e arte, técnica e ciência**. Obras escolhidas. Vol I, São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 114-119.

BONOMO, R. Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias. 2010. **Tese (Doutorado em Psicologia)** - Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3123/1/tese_2477_.pdf. Acesso em 07/03/2020.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRANDÃO, V. M. A. **Labirintos da memória:** Quem sou? São Paulo: Paulus, 2008.

BRITTO, R. A importância da memória afetiva. 2017. Disponível em: https://www.norteandovoce.com.br/cachos-de-ideias/importancia-da-memoria-afetiva/. Acesso em: 06/02/2021.

COUTO, B. R.; YAZBECK, M. C.; RAICHELIS; R. A Política Nacional de Assistência Social e o SUAS: apresentando e problematizando fundamentos e conceitos. *In*: COUTO, Berenice Rojas, et al (Orgs.). **O Sistema Único de Assistência Social no Brasil: uma realidade em movimento.** São Paulo: Cortez, 2010.

CRAS. Centro de Referência da Assistência Social de Viçosa. Histórico do programa municipal da terceira idade (PMTI) - MG. 2007. Disponível em: https://www.vicosa.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Historico_Assistencia_Social_?cdLocal=2&arquivo=%7BC0C-C44B0-CEC6-EC3A-006E-5D5BB655A3D3%7D.pdf. Acesso em: 20/07/2020.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DENDENA, D. P. Territorialidades da migração campo-cidade em Severiano de Almeida: um estudo sobre a Linha Norte. 2018. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)** - Universidade Federal da Fronteira Sul. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/2072/1/DENDENA.pdf. Acesso em: 04/03/2020.

ELNICK, A.B; MARGRETT, J.A; FITZGERALD, J.M. Memórias de referência na idade adulta: domínios centrais e preditores de sua frequência. **Journal of Adult Development 6,** 45–59 (1999). Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1023/A:1021624324994. Acesso em: 07/07/2020.

GALL, M. H; UEHARA, E. Memória autobiográfica da infância em universitários da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). **Estudos Interdisciplinares em Psicologia.** Londrina, v.9, n.3, p.24-37, set. 2018.Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223664072018000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13/06/2020.

GATO, J.M; ZENEVICZ, L.T; FAGANELLO MADUREIRA, V.S; GAFFURI DA SILVA, T; SEDREZ CELICH, K.L; SILVA DE SOUZA, S; & FURLAN DE LÉO, M.M. Saúde mental e qualidade de vida de pessoas idosas. **av.enferm.**, Bogotá , v. 36, n. 3, p. 302-310. 2018. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&-

pid=S0121-45002018000300302&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14/09/2022.

GRAVINA-TADDEI, C. F; GRESPAN, S. M; BERTOLAMI, M.C. Fatores de Risco: Quais São as Evidências em Dislipidemias, Diabete Melito e Hipertensão Arterial Sistêmica. In: LIBERMAN A. **Diagnóstico e Tratamento em Cardiologia Geriátrica** – DECAGE. Barueri, SP: Manole; 2005.

GUSMÃO, N. M. M de; ALCÂNTARA, A. O. Velhice, Mundo Rural e Sociedades Modernas: Tensos Itinerários. **Revista Ruris** | volume 2, número 1 | março de 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz. Sidou. São Paulo:Centauro 2006.

HOROCHOVSKI, M. Memórias de Morte e Outras Memórias: lembranças de velhos. **Dissertação de Doutorado apresentada à Universidade Federal do Paraná**, Curitiba Brasil.2008. Disponível em: https://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/2010/artigos_teses/sociologia/1MariseteHoffmannHorochovskiMemoriasdemorteeoutrasmemorias.pdf. Acesso em: 18/07/2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Agencia IBGE notícias. Nov. 2019. **Expectativa de vida dos brasileiros aumenta para 76,3 anos em 2018.** Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de noticias/noticias/26103expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-para-76-3-anos-em-2018.

KALACHE, A. Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 217-220, Set. 1987. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X1987000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15/09/2022.

LIMA, A.M.M.; SILVA, H.S.; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras**. Interface - Comunic., Saúde, Educ**., v.12, n.27, p.795-807, out./dez. 2008. Disponível em: <http://wwwscielobr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832008000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20/07/2020.

MARTINE, G.; CAMARGO, L. Crescimento e distribuição da população brasileira: tendências recentes**. Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 1, n. 1, 1984.

MESQUITA, A. A. Envelhecimento Populacional e Relações de Gênero: Velhos Dilemas e Novos Desafios. **In: Seminário Internacional Fazendo Gênero**, Florianópolis. 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499640460_Arquivo_Mesquita,A-Envelhecimentopopulacionalerelacoesdegenero.pdf. Acesso em: 12/03/2020.

OLIVEIRA, K. F.; JANNUZZI, P. M. Motivos para migração no Brasil e retorno ao nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em Perspectiva.** São Paulo. v. 19, n. 4, p. 134-143, Dec. 2005. Disponívelem:<http:/wwwscielobr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392005000400009&lng= en&nrm=iso>. Acesso em:15/05/2020.

OLIVEIRA, I. G. de; ZIEDE, M.; PEGORARO, L.; ROCHA, R. E. R. da. Envelhecimento Populacional de um Município do Meio Oeste Catarinense. **Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde**, *[S. l.]*, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/ries/article/view/1392. Acesso em: 15/09/2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. **População brasileira envelhece em ritmo acelerado**. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/noticias censo?busca=1&id=1&idnoticia=1272&t=ibge-populacao-brasileira-envelhece-ritmo-acelerado&view=noticia#:~:text=Desde%20os%20anos%201960%20que,mais%20pronunciadas%20da%20fecundidade1. Acesso em: 02 Out. 2021.

PEREIRA, A. S. Memórias Autobiográficas de Mulheres Idosas: Infância, Escola e Trabalho. 2012. **In: VI Colóquio Internacional- Educação e Contemporaneidade**. São Cristovão-SE-Brasil. 20 a 2 de setembro de 2012. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10174/20/19.pdf. Acesso em: 10/03/2020.

SHULTZ, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. *In*: Reler W, Piaf N, Editor. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação.** Petrópolis: Vozes; 2010. p. 210- 22.

SILVA, G. C. D da. **A compreensão do conceito de qualidade de vida para o idoso em situação asilar**.

2010. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bachareladoem Psicologia). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

SILVA, L. R. F. Terceira idade: Nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? **Physis**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 801-815, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312008000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15/07/2020**.**

SILVA, M. J. D. O envelhecimento ativo: o apoio das tecnologias da informação e comunicação e das redes de suporte social. **Dissertação de Mestrado.** Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2017. Disponível em: http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/2561. Acesso em: 13/07/2020.

SOUZA, L.G.S.C. N de. Causas e consequências da redução da taxa de fecundidade no Brasil. 2016. **Trabalho de Conclusão de Curso**; (Graduação em Enfermagem) - Centro Universitário de Brasília.

VARELA, K. M. **Memória autobiográfica em idosos saudáveis: Um estudo sobre o papel do outro na recordação**. 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/19129/1/2011-Dissertacao-Karen-Meireles-Varela.pdf. Acesso em: 10/07/2020.

VERAS, R. P.; RAMOS, L. R; KALACHE, A. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. **Rev. Saúde Pública**. SãoPaulo, v.21, n.3, p.25-233. Junho1987.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489101987000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11/05/2020.

VIÇOSA, Centro de Referência de Assistência de Assistência Social (CRAS). **Histórico do Programa Municipal da Terceira Idade** – PMTI. 2007.

ZANELLI, J. C. SILVA N. **Programa de Preparação para Aposentadoria**. [S.l.]: Insular, 1996.

Recebido em: 31/01/2024
Revisado em: 28/06/2025
Aprovado em: 22/07/2025
Publicado em: 30/07/2025

Lídia de Jesus Souza é Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Membro do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Política social, Saúde Mental e Drogas - GEPEPSS/UFV. Bolsista/ pesquisadora no Programa Institucional de Bolsas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. E-mail: lidia.souza@ufv.br

Rita de Cássia Pereira Farias é Doutora em Antropologia pela Unicamp. Professora do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Viçosa. Líder do grupo de pesquisa do CNPq "Questão Social, Direitos Humanos e Política Social". E-mail: rcfarias@ufv.br

Edna Lopes Miranda é Pós Doutora em Ciências Sociais Aplicadas (PNPD/CAPES) pela Universidade Federal de Viçosa. Doutora em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (2018). Membro dos Grupos de Pesquisas "Família, Espaço e Sociedade" e Políticas Públicas, Desenvolvimento Humano e Social". E-mail: edna.miranda@ufms.br